

FRANCESES E NORTE-AMERICANOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS

1930-1960

Fernanda Massi

"A unificação da proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado de maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição do estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação". GEORG SIMMEL.

I. DOIS PONTOS

Tomando como suporte para a análise as presenças francesa e norte-americana nas ciências sociais brasileiras, o objetivo deste trabalho é contribuir, por um lado, para a avaliação das relações intelectuais Brasil-França e Brasil-EUA e, por outro, para a reflexão sobre as implicações destas presenças estrangeiras na constituição de um novo campo intelectual no Brasil, quando começam a fazer parte do cenário cultural a universidade e os especialistas.

O contexto mais amplo que orienta a pesquisa é, portanto, o período 1930-1960, época de criação e crescimento das universidades

brasileiras. Nestes trinta anos, focalizamos alguns momentos e situações particulares: São Paulo nos anos 30, com a chegada da missão francesa para inaugurar as atividades docentes na universidade, e no período 40/50, quando Donald Pierson encontra-se na Escola Livre de Sociologia e Política; Rio de Janeiro, com os acordos e projetos desenvolvidos através do Museu Nacional (30, 50/60) e o INEP (50); finalmente, Bahia, palco de grandes programas de investigação a partir de 50.

Acreditamos que com tal análise será possível explicitar dois padrões distintos de relação intelectual: os franceses, que têm a "missão" de trazer os ensinamentos científicos e humanistas cá para os trópicos, e os norte-americanos, para quem o Brasil é campo de investigação, objeto de doutoramento.

O Brasil elege os franceses como mestres. Os norte-americanos escolhem o Brasil como "objeto". Docência e pesquisa, dois modos distintos de relação com o Brasil que têm origens em dois modelos contrastantes de ciências sociais, tanto em termos dos paradigmas orientadores como também pela história da institucionalização das novas disciplinas.

II. O BRASIL, OS FRANCESES, A USP

As missões científicas dos anos 30 não constituem um caso excepcional da presença francesa em território brasileiro. Desde o período inicial da história do Brasil, os "aventureiros" franceses são inúmeros e as tentativas fracassadas de disputar com os portugueses a primazia da colonização, sucessivas. De fato, durante os séculos XVI e XVII, os franceses não se cansam de "descobrir" o Brasil. As expedições se sucedem: Villegagnon e Boi-le-Comte no RJ, Daniel de la Touche no Maranhão; os cronistas destas expedições narram seus feitos: o protestante Jean de Léry, o franciscano André Thevet e o capuchinho Claude d'Abeville (Barbosa, 1962).

Os séculos XVIII e XIX, a exemplo dos anteriores, continuam povoados por visitantes franceses. A. L. Garraux, em sua monumental *Bibliographie brésilienne*, registra esta vastíssima influência até 1898, isto é, no Brasil-Colônia, no Brasil-Império e no início da República.

O século XIX, especialmente, assiste à chegada de um número impressionante de estrangeiros ao Brasil, com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1808). O país se abre, a partir

desta data, como campo de investigação para os cientistas europeus. Várias expedições, de nacionalidades distintas, cruzam o território brasileiro:

“Começa o Brasil a ser visitado por toda sorte de viajantes. Pintores à procura de paisagens, botânicos, zoólogos, etnógrafos, geólogos, turistas dos dois sexos, ávidos de sensações novas, comerciantes, príncipes dados às ciências naturais. As academias científicas européias induzem os governos a mandarem missões ao Brasil, os diplomatas trazem, adidos às suas embaixadas, intelectuais de valor, que aproveitam a estadia para estudar o país” (Moraes, R., 1940, p. 11).

No que diz respeito aos franceses, podemos destacar a presença do naturalista Saint-Hilaire, que desembarca no Brasil em 1816 e aqui levanta material para uma importante obra científica (*Flora Brasiliae Meridionalis*, 1822), além de deixar registradas suas andanças pelo país em nove volumes. Nesta mesma época, ainda sob os auspícios da Coroa portuguesa, vem ao Rio de Janeiro uma missão cultural francesa, convocada por D. João VI, para a criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. O mestre mais importante do grupo, Jean-Baptiste Debret, relata seus quinze anos de vida brasileira na grandiosa *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Não é à-toa que são os franceses os estrangeiros eleitos para integrarem tal missão. A França é um modelo de “inteligência” já para Portugal, país fortemente marcado pela influência francesa (Barbosa, 1962, p. 21).

É inegável que no século XIX, e mais precisamente na passagem do Império para a República, o modelo francês (leia-se *parisiense*) funciona como organizador da vida cultural carioca.¹ Se no Rio de Janeiro a influência francesa é fortemente sentida nas idéias, costumes e modo de vida, São Paulo, cidade menor que a Corte, também inicia seu processo de “afrancesamento”.

1. “O advento da República proclama sonoramente a vitória do cosmopolitismo no Rio de Janeiro. O importante, na área central da cidade, era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo. E os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e os livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio” (Sevcenko, 1983, p. 36).

“... Não somente os políticos falavam e agiam segundo o modelo de Guizot e Thiers, mas em tudo se fazia copiando os figurinos e as revistas de Paris: roupas, chapéus, casas, reuniões, solenidades” (Barbosa, 1962, p. 27).

Garraux, que se transfere para São Paulo por volta de 1860, tem um papel decisivo neste processo, já que as livrarias representam, entre outros, um foco irradiador da literatura e da cultura francesas.

Mas não apenas os franceses e, com eles, a França vêm até o Brasil; brasileiros também saem para estudar na metrópole cultural da época. Os grandes nomes do café, por exemplo Martinho Prado, Elias Chaves, bem como o Barão de Piracicaba, ao lado de outros nomes de sua geração, formam-se em Paris, ou pelo menos, estabelecem fortes ligações com a cidade (Barbosa, 1962, p. 29). Tal trânsito se mantém, e até se intensifica, no século XX, quando é relativamente comum aos membros de uma certa elite estudarem na França ou em universidades européias (Paulo Prado, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes, Rui Paula Souza, entre outros).

O final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, particularmente o período pré-guerra de 1914, podem ser descritos como um momento de intenso contato com a França. No plano científico, são as idéias de evolução, o darwinismo, o positivismo e o materialismo que encontram eco nas elites políticas e intelectuais brasileiras. No plano cultural, a literatura de Zola, Maupassant, Verlaine e Rimbaud, além das obras dos naturalistas, dos simbolistas, dos impressionistas. Circulam também no Brasil os filmes da Pathé Frères e da Graumont, o teatro de Regina Badet, Suzanne Deprès e Sarah Bernhardt (Schwartzman, 1979a, p. 86 e Broca, 1979, p. 9).

Os anos 20 merecem particular destaque quando falamos em relações culturais franco-brasileiras, pois em 1925 um importante passo é dado no sentido de intensificação destas relações. Trata-se da criação, por iniciativa do grupo do jornal *O Estado de S. Paulo*, do *Liceu Franco-Brasileiro*, considerado um embrião da futura Universidade de São Paulo.² Segundo Cruz Costa, aqui estiveram o psicólogo Henri Pierón (1925); Georges Dumas, no ano seguinte; em 27, Fauconnet e o padre Yves de la Brière, diretor da revista

2. “(...) muito antes da fundação da nossa faculdade, já os professores franceses aqui tinham um saliente papel. Foram eles, nos saudosos cursos de conferências de outro tempo, que prepararam o caminho que iria levar à fundação da nossa atual faculdade” (Cruz Costa, 1945).

Études; Paul Rivet, em 28, e o também psicólogo Pierre Janet (1929). P. Fauconnet e G. Dumas, já na segunda metade de 1927, enfatizavam a necessidade de criação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em São Paulo. Neste sentido, Dumas teria se comprometido a enviar, anualmente, ao Brasil professores de várias universidades francesas (Cardoso, I., 1982, pp. 61-62). Data dos anos vinte, também, a criação de uma cadeira de estudos brasileiros na Sorbonne, sucessivamente ocupada por Oliveiros Lema, Arrojado Lisboa e Rodrigo Otávio.

Georges Dumas (1886-1946), filósofo, médico e psicólogo francês, é uma figura chave na organização da vinda dos franceses para a FFCL da USP, criada em 1934.³ Júlio de Mesquita Filho encarrega Teodoro Ramos, matemático e professor na Escola Politécnica, de ir à Europa contratar professores. Seu itinerário de viagem é Itália (onde são escolhidos os matemáticos principalmente) e França, onde é Georges Dumas, de fato, quem elege os nomes.⁴

3. Georges Dumas, pensador de origem protestante, construiu sua carreira entre a medicina e as letras. Após a conclusão de seus estudos secundários no Liceu de Nîmes, ingressa com 20 anos na *École Normale Supérieure* (Letras). Em 1889, é *agregé*, de filosofia, em 1894, doutor em medicina e em 1900, obtém o *doctorat-ès-lettres*. Já em 1886, torna-se chefe do laboratório de Psicologia Patológica da Clínica de Doenças Mentais da Faculdade de Medicina, posto que conservará até a sua aposentadoria. De 1894 a 1902, leciona filosofia no *Collège Chaptal*. Escreveu: *Tolstoi et la philosophie de l'amour*; *Les états intellectuels dans la mélancolie; la tristesse et la joie*; *Psychologie de deux messies positivistes (Auguste Comte et Saint-Simon)*; *La Sourire; Névrose et psychose de guerre chez les austroallemands*. Contribuiu com seus trabalhos para o desenvolvimento da Psicologia experimental e fundou com P. Janet *Le Journal de Psychologie normale et Pathologie* (1904). Sob sua direção foi publicado um importante *Traité de Psychologie* (1923-1924), reeditado em 1930-1948 (Martinière, 1982, pp. 39-68).

4. A versão de P. A. Bastide sobre o assunto, merece ser assinalada: "Bom, como aconteceu? Então, designaram um professor brasileiro que se chamava Teodoro Ramos para viajar a Europa a fim de contratar professores. Não sei bem se houve uma influência italiana, sua viagem foi orientada para Roma e Itália. Não sei se atrás disso houve já uma escolha, mas Júlio Mesquita telefonou ou mandou um telegrama a seu amigo Georges Dumas: um professor encarregado que vai a Roma, ele vai passar por Paris depois, mas é o encarregado. Ele foi a Roma porque talvez as relações com Roma fossem boas nesse tempo. Logo, logo, Dumas foi a Roma, ele foi lá encontrar Teodoro Ramos. Não tinha idéia de roubar qualquer coisa preestabelecida com os italianos. Dumas disse a ele que sabia que iria contratar professores italianos, mas que seria um prazer se ele contratasse também professores, como nós". Adiante, na mesma entrevista, sublinha P. A. Bastide, "(...) Dumas escolheu ditatorial-

A origem dos contatos de Dumas com o Brasil remonta a 1907-1908, quando é ele então convidado por um de seus alunos de nacionalidade brasileira a dar conferências no Rio e em São Paulo, na "Sociedade de Psicologia". Paul Appell, matemático e professor na ENS, ao tomar conhecimento da viagem, pede a Dumas que viabilize a atuação de *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour le rélation avec l'Amérique* (por ele fundado em 4.2.1908 no Brasil).

Tal *Groupement* tinha como programa básico "manter e desenvolver as afinidades intelectuais entre os latinos da América e os da França, organizar uma colaboração metódica das universidades e grandes escolas francesas e americanas, tornar a América Latina conhecida na França" (Lesca *apud* Martinière, 1982, p. 55). E. Martinière, seu secretário a partir de 1909, é o responsável pela publicação de uma revista *Bulletin de la Bibliothèque Americaine*, que aparece em março de 1910, com o apoio do Ministério de Assuntos Estrangeiros. Também é obra do *Groupement* a fundação, em Paris, de um *comité d'accueil* a estudantes estrangeiros (do qual Dumas faz parte) e a criação de um *livret de l'étudiant en France*, distribuído em toda América Latina. Outro beneficiário direto do *Groupement des Universités* é o *Comité France-Amérique*, fundado em 1909 e presidido por Gabriel Hanotaux, com o objetivo de unir as duas Américas, a do Norte e a do Sul, ligando-as mais estritamente à França.

Georges Dumas é, então, nesse contexto maior de investimento na aproximação com a América, o elo de ligação com o Brasil. Quando retorna ao país em 1917/18, enviado pelo governo francês como médico do exército (é dessa época a criação do "Hospital Brasileiro"), aproveita para detalhar o plano de criação de liceus franceses no Brasil. De fato, é o ensino secundário e, portanto, a criação de liceus franceses na América Latina, a grande meta do *Groupement des Universités*: "O liceu francês deveria dar à cultura nacional brasileira a cultura francesa tal como ela está organizada nos liceus de Paris... Associar o Brasil a nós não é absolutamente tentar a conquista intelectual deste país... é simplesmente aconselhá-lo... Longe de se chocarem, os interesses são os mesmos... mais o Brasileiro se aproxima da França, mais ele se encontra com ele mesmo. Ele é latino como nós..." (Dumas *apud* Martinière, 1982, p. 63).

mente segundo seu palpite". (Arbousse-Bastide, 1981/4, pp. 20-21). Além dos italianos e franceses, Teodoro Ramos contratou uma comissão de alemães, um professor português (para Língua e Literatura Portuguesa) e um espanhol (para Língua e Literatura Espanhola). Ver Schwartzman, 1979b, p. 209.

As missões universitárias dos anos 30 devem ser entendidas como um desdobramento desse intercâmbio que se intensifica com a criação dos liceus no Brasil (o do Rio de Janeiro é de 1916). A criação da Universidade com missões francesas atende a um duplo interesse: por um lado, o interesse francês na "conquista" da América (e do Brasil); por outro, a demanda da elite local brasileira no sentido de ilustrar-se, de modernizar-se, de formar quadros. Dumas não poderia ser mediador mais adequado: médico (chega ao Brasil num momento de grande êxito da Medicina, em virtude do vitorioso combate à febre amarela e à varíola no Rio de Janeiro) e especialista na filosofia comtista (não é preciso lembrar, mais uma vez, o sucesso do positivismo no Brasil) (Martinière, 1982).

Os franceses e a França estão *partout* na São Paulo dos anos 30. Os professores que vieram inaugurar a USP não destoam da vida cultural local ao darem suas aulas em francês, por exemplo. Para os alunos das primeiras turmas da USP (ou pelo menos, para boa parte deles), a língua e a cultura francesa fazem parte do cenário cotidiano: o cinema de René Clair e Marcel Carné, as antigas *chansons à boire* ao lado de Maurice Chevalier e Piaff, o teatro de *L'Atelier*, isso sem falar em Mauriac, Gide e Benjamin Constant (Souza, G., 1981/4, v. 1, pp. 34-157). P. A. Bastide confirma: "na época vigorava, ainda, uma universalidade da língua francesa que chegou a nos surpreender (...) Sem ser grã-finos, nossos alunos tinham um conhecimento suficiente do francês. O mesmo não ocorreu com os professores italianos e alemães que chegavam conosco" (Arbousse-Bastide, 1978b). Ou, nas palavras de Lévi-Strauss: "naquela época um francês poderia se sentir em casa no Brasil. Todo brasileiro, um pouco cultivado, falava francês (Lévi-Strauss, 1983).

É interessante pensarmos, a título de comparação, a situação carioca. A Faculdade Nacional de Filosofia é criada em 1939, seguindo de perto a experiência paulista. É Dumas, mais uma vez, o intermediário na contratação de professores franceses. A diferença é que no Rio este convite foi realizado por vias oficiais, com autorização direta de Vargas. Além disso, um requisito básico é exigido dos novos professores: que sejam ligados à Igreja. São eles: Poirier (filosofia), substituindo Gouthier, Ombredonne (psicologia); Jacques Lambert (sociologia), que já havia estado em Porto Alegre em 37, Fortunat Strowski (literatura francesa), André Gros (política), Gilbert (geografia humana), Antoine Bon (história antiga e medieval) e Maurice Byé, que também esteve em Porto Alegre, em 37, substituindo François Perroux (Schwartzman *et alii*, 1984).

Não podemos nos esquecer que coube a um outro grupo de franceses iniciar as atividades da Universidade do Distrito Federal, em 36: Émile Brehier (filosofia), Eugene Albertini, Henri Hauser, Henri Troncon (os três de história), Gaston Léduc (lingüística), Pierre Deffontaines (geografia) e Robert Garric (literatura). Sobre os dois últimos sabemos que, ao lado de F. Perroux, lecionaram no Rio e em São Paulo: "São os únicos da turma que tinham contato com o Rio, o resto da turma, nós não: lá era Getúlio" (Arbousse Bastide, 1978b, p. 16).

1. Franceses no plural

Quando pensamos nos mestres franceses que vieram inaugurar a FFCL da USP, a primeira imagem que nos ocorre é a de jovens em início de carreira, sem títulos nem publicações. Como toda imagem, esta não é falsa em si mesma, porém obscurece diferenças que explodem por todos os lados: nas biografias, nas preocupações teóricas, nos estilos em sala de aula, nas relações com a sociedade brasileira etc. O olhar que secciona e distingue parece ser, então, a ferramenta mais útil para a construção destes personagens.

O tempo de permanência no Brasil é um primeiro elemento diferenciador. Em um rápido passar de olhos pelo *Quadro 1*, tal fato se evidencia: linhas que se interrompem rapidamente, outras que se estendem. Vemos, também com clareza, que entre 34 e 39 o fluxo é intenso, registrando chegadas anuais. De 39 a 45, o período da guerra, o branco revelador de ausência indica a interrupção deste processo, que só seria retomado a partir de 46. Os professores desta segunda "leva" são em menor número e permanecem menos tempo no Brasil (com exceção de Granger, que fica seis anos). Por outro lado, professores visitantes passam pela Universidade; alguns novos, como Francis Ruellan e Philippe Wolff, outros, velhos conhecidos (Coornaert, Braudel, Paul Rivet).

O período da guerra foi responsável não só pela interrupção do fluxo, mas também pela permanência prolongada de alguns, como P. Monbeig, P. A. Bastide e R. Bastide. Foi uma época difícil para os professores que aqui ficaram, de acordo com os depoimentos de J. Maugué e P. A. Bastide. Segundo este, houve um novo momento de ataque à missão francesa, após a campanha de 37 iniciada pelo jornal *A Gazeta*, com o apoio dos integralistas, liderada por Casper Líbero:

QUADRO I
MISSÃO FRANCESA — USP

| | 1934 | 35 | 36 | 37 | 38 | 39 | 40 | 41 | 42 | 43 | 44 | 45 | 46 | 47 | 48 | 49 | 50 | 51 | 52 | 53 | 54 | 55 | 56 | 57 | 58 | 62 | 72 | |
|---------------------|------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|--|
| Émile Coornaert | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Paul A. Bastide | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Pierre Deffontaine | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Étienne Borne | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Jean Maugué | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Fernand P. Braudel | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Lévi-Strauss | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Pierre Monbeig | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| François Perroux | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| René Courrin | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Jean Gagé | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Roger Bastide | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Pierre Frammont | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Paul Hugon | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Georges Gurvitch | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Gilles G. Granger | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Roger Dion | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Émile G. J. Léonard | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Maritel Guérouti | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Pierre Gourou | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Charles Morazé | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Jean Glénisson | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Paul Rivet | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| François Ruellan | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Philippe Wolff | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Maurice Lombard | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Frédéric Mauro | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| M. Bataillon | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Jacques Godechot | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

LEGENDA

- X — Historiador (cadeira de H. da Civilização)
 √ — C. Social (cadeira de Sociologia, Antropologia e C. Política)
 Δ — Geógrafo (cadeira de Geografia F. e Humana)

- z — Filósofo (cadeira de Filosofia, H. da Filosofia e Psicologia)
 † — Economista (cadeira de Economia P., Finanças e H. das D. Económicas)
 — — — — — professor visitante

“Denunciaram publicamente o fato, que era real mas era segredo, de que nós tínhamos aderido ao movimento de De Gaulle, que os professores estrangeiros estavam fazendo política na Universidade. Havia os franceses que se conformaram com Vichy e os franceses que apoiaram a Resistência de De Gaulle. Até que o Brasil entrou na guerra! Tudo mudou!” (Arbousse-Bastide, 1978b, p. 31).

Além de tal campanha, à qual aderiram alguns professores da atual PUC e de diferentes alas da direita, com a nomeação do Prof. Alexandre Correa, os mestres franceses começaram a sofrer uma série de pressões. Uma delas: as aulas deveriam ser dadas em português (Arbousse-Bastide, 1978).

Mas eram estes professores da missão francesa, jovens em início de carreira, como afirma o próprio Maugué em sua autobiografia? Esta questão só poderá ser, de fato, respondida após a realização de uma etnografia do grupo, onde devem ser acompanhadas trajetórias individuais. O *Quadro II* foi elaborado justamente visando atender a este fim, isto é, compreender os percursos de cada um dos personagens e o lugar que o Brasil ocupa no contexto das carreiras particulares. Como repercute o período brasileiro nestes itinerários? A idéia é permitir uma percepção geral de dois períodos: um “antes” e um “pós” a vinda para o Brasil. A etapa brasileira representaria um corte na carreira ou, ao contrário, uma possibilidade de prosseguir, com sucesso, a carreira francesa? Ou ainda, uma etapa qualquer, sem maior ressonância?

Parece importante esclarecer os critérios que nos levaram a destacar certos elementos para a construção da carreira. Em primeiro lugar, os liceus já estabelecem algumas distinções entre os futuros candidatos ao ensino superior. Passar por um *grand lycée*⁵ em Paris, principalmente, significa ter estado no melhor que o secundário podia oferecer.

De qualquer maneira, o liceu não tem um peso fundamental na carreira como tem, por exemplo, a passagem pela *École Normale Supérieure*. Karady, ao fazer um balanço de expansão universitária na França entre 1870 e 1910, mostra que “(...) o sucesso ou fracasso na *École Normale* marca a primeira etapa de seleção na ascensão profissional e constitui de fato o título decisivo para toda

5. Um liceu é “grande”, não só pelo seu tamanho mas, fundamentalmente, por ser tradicional, mais antigo.

a carreira (...) (Karady, 1973, pp. 443-470). A passagem pela ENS não significa apenas mais um crédito, já que repercute diretamente na obtenção dos demais títulos: *agrégation*, *doctorat*. São os *normaliens*, "elite precocemente escolhida" até 1910, que ocupam os postos preferenciais do sistema de ensino: grandes liceus em Paris, faculdades em Paris e Sorbonne.

Ainda que a partir de 1910, e principalmente no pós-guerra, este quadro se altere diante das enormes levas de *agrégés* e *docteurs* produzidos fora da *École* e também pelo aumento de prestígio de outras instituições até então "marginais", como a *École Pratique des Hautes Études*, a ENS continuou a gozar de *status* especial nos anos 20 e 30.⁶

A *agrégation* é o primeiro título, propriamente dito, na carreira do professor, que está assim habilitado para o ensino secundário. O *doctorat* é o passo seguinte para quem almeja o ingresso no ensino superior.

Estes elementos, sem dúvida, nos auxiliam a compor um perfil mais geral do profissional mas *não são suficientes* para a avaliação efetiva da carreira francesa:

"O mesmo título esconde as modalidades de aquisição que acrescentam ou subtraem seu valor profissional ('ranking', menção, lugar), e que o ramo de estudos (tipo de 'agrégation', objeto de 'doctorat') introduz elementos de heterogeneidade pouco visíveis mas essenciais no mercado" (Karady, 1973, p. 463).

Feitas estas considerações, olhemos para o que o *Quadro II* nos mostra. Em relação às idades, podemos dizer que variam em torno dos 35 anos, sendo os mais jovens Lévi-Strauss e P. Monbeig com 27 e Émile G. Léonard, o mais velho, com 57 (se aqui estivessem incluídos os professores de língua e literatura francesas, a média de idade seria mais baixa). Em relação às carreiras, o quadro revela: alguns professores de *petits lycées* sem nenhuma experiência no ensino

6. "Era tal seu processo de seleção (o *Khänge*, como era o conhecido o difícil ano de estudos preparatórios), tão elaborado o seu programa, o ambiente tão parecido ao das fraternidades nas faculdades americanas, que os formados na ENS pareciam uma raça à parte" (Lottman, 1978, p. 37).

Paul Arbousse Bastide, ao explicar o seu "fracasso" e o de R. Bastide na *agrégation* em 34, diz que sem dúvida os alunos da ENS possuíam maiores chances de sucesso no concurso por serem melhor preparados. Cf. Arbousse-Bastide, 1978a.

QUADRO II
PERFIL DA CARREIRA

| Missão francesa USP | Data de nascimento | Liceu onde estudou | École Normale Supérieure | Agrégation | Idade com que chega ao Brasil | Atividade profissional que desempenha antes da vinda para o Brasil | Quanto tempo permanece no Brasil | Atividades profissionais que desempenha após a saída do Brasil |
|-----------------------|----------------------|-----------------------------------|--------------------------|-----------------------------|-------------------------------|---|----------------------------------|--|
| Émile Coornaert | 1886 Hondschoote | "Petit-lycée" Hondschoote | não | | 48 anos | Colaborador de Annales, desde 1932 | 1 ano | Professor da Sorbonne, prof. no Collège de France, 1956 - eleito para a Academia de Inscricção e Belas Artes do Instituto da França, um dos diretores da revista <i>Information Historique</i> |
| Paul-Arbousse Bastide | 1899-Gard (Cévennes) | "Petit-lycée" em Bolognne-Sur-mer | não | 1928 (Filosofia) | 35 anos | Professor de liceu em la Rochelle e suplente na Faculdade de Letras de Besançon | 12 anos | 46 a 49 - Rádio France (prog. em português); prof. no liceu de Janson de Sailly; 53 a 56 prof. na Univ. de Rennes; 66 a 72 leciona Psicologia Social na Sorbonne |
| Pierre Defontaine | 1894-Limongès | | | 1920 (História e Geografia) | 40 anos | Professor da Faculdade Católica de Lille | 1 ano | |
| Étienne Borne | | | | | | Colaborador da revista <i>Esprit</i> , a partir de 1932 | 1 ano | Publica em 1972, Mounier, collection "philosophie de tous les temps"; integrante do Centro Católico de Intelectuais Franceses |
| Ivan Mangué | 1904-Cambrai | "Grand-lycée" Paris | 1926-1930 | 1951 (Filosofia) | 31 anos | Professor no liceu de Montluçon | 9 anos | Funções diplomáticas; Conselheiro de Embaixada em Buenos Aires até 1947; prof. de liceu na França |

| Missão francesa USP | Data de nascimento | Licou onde estudou | École Normale Supérieure | Agrégation | Idade com que chega ao Brasil | Atividade profissional que desempenha antes da vinda para o Brasil | Quanto tempo permaneceu no Brasil | Atividades profissionais que desempenha após a saída do Brasil |
|---------------------|-----------------------------|-------------------------------|--------------------------|-----------------------------|-------------------------------|--|-----------------------------------|--|
| F. Paul Braudel | 1902- Lumévillien-Ornois | "Petit-lycée" em Mériel Paris | não | 1923 (História) | 33 anos | Professor nos liceus Pasteur, Condorcet e Henri IV - Paris; Prof. em Argel | 3 anos | 1938 diretor de estudos na EPHE; 1939 Guerra; 1940 Prisioneiro durante 5 anos (redige sua tese La Méditerranée et el monde méditerranéen à l'époque de Philippe II); 1946 um dos diretores dos Annales; 1949 Collège de France; 1962 diretor da Maison des Sciences de l'Homme |
| Lévi-Strauss | 1908-Bruxelas | "Petit-lycée" Paris | não | 1931 (Filosofia) | 27 anos | Professor nos liceus de Mont de Marsan e Laon | 3 anos | Missão Científica nos EUA durante a guerra; Conselheiro Cultural da Embaixada Francesa nos EUA (1946-1948); 1949 - Subdiretor do Musée de l'Homme; 1950 - diretor de estudos na E.P.H.E.; 1959 - Collège de France |
| Pierre Monbeig | 1908-Marlissel | | | 1929 (História e Geografia) | 27 anos | Prof. no liceu de Caen | 11 anos | 1949 doutorado; 1950 prof. no "Conservatoire des Arts et Métiers"; 1960 prof. de Geog. na Faculdade de Letras de Paris e Diretor do "Instituto de Altos Estudos da América Latina" |
| François Perroux | 1905-Lyon | | | | 32 anos | Prof. na Faculdade de Direito de Lyon | 1 ano | Funda o "Institut de Science Economique Appliquée" no Collège de France (1955); a partir de 60, diretor do "Institut d'études de développement économique et social" |

| Missão francesa USP | Data de nascimento | Licou onde estudou | École Normale Supérieure | Agrégation | Idade com que chega ao Brasil | Atividade profissional que desempenha antes da vinda para o Brasil | Quanto tempo permaneceu no Brasil | Atividades profissionais que desempenha após a saída do Brasil |
|---------------------|--------------------|--|--------------------------|--|-------------------------------|---|-----------------------------------|--|
| René Courtlin | | | | | | Prof. na Faculdade de Direito de Montpellier | 1 ano | Publica em 1941, Le problème de la civilization économique au Brésil, Paris, Ed. de Méditerranée; um dos fundadores do Le Monde Professor do Collège de France (1955) |
| Jean Gagé | 1902-Seine & Oise | "Petit-lycée" (Versailles) e "Grand-lycée" Paris | 1921-1924 | 1924 (História) | 33 anos | Suplente na Faculdade de Letras de Strasbourg (29 a 34) | 8 anos | Publica em 1941, Le problème de la civilization économique au Brésil, Paris, Ed. de Méditerranée; um dos fundadores do Le Monde Professor do Collège de France (1955) |
| Roger Bastide | 1896-Nîmes | "Petit-lycée" em Nîmes | não | 1924 (Filosofia) | 40 anos | Professor nos liceus de Cahors, Lorient, Valence e Versailles | 16 anos | 54, prof. na E.P.H.E. e no "Institut des Hautes Etudes d'Amérique Latine"; 59, prof. titular na Sorbonne; em 61, cria o "Centre de Psychiatrie Sociale" |
| Pierre Frommont | 1896 | | 1919-1923 | 1928 (na Faculdade de Direito - seção - Economia Política) | 42 anos | Prof. na Faculdade de Direito de Rennes e na E. N. de Agricultura de Rennes | 1 ano | |
| Paul Hugon | 1903 | | | | 35 anos | | 34 anos | |
| Georges Gurvitch | 1894-URSS | | não | | 53 anos | Prof. nas Universidades de Praga e Strasbourg | 2 anos | 1949, prof. na Sorbonne e na E.P.H.E.; funda o "Groupe de Sociologie de la Connaissance" |
| Gilles-G. Granger | | | | | | | 6 anos | Completa a tese de doutorado, o que lhe vale a cadeira de Filosofia da Universidade de Rennes |

| Missão francesa USP | Data de nascimento | Licou onde estudou | Ecole Normale Supérieure | Agrégation | Idade com que chega ao Brasil | Atividade profissional que desempenha antes da vinda para o Brasil | Quanto tempo permanece no Brasil | Atividades profissionais que desempenha após a saída do Brasil |
|---------------------|--------------------------------|--|--------------------------|-----------------------------|-------------------------------|--|----------------------------------|--|
| Roger Dion | 1891-Aubais (Gard) | "Petit-lycée" (provincia)- "Grand-lycée" (Paris) | não | | 57 anos | Doutor em Letras 1932, prof. na Faculdade de Letras de Caen, prof. na Faculdade de Letras de Aix-en-provence | 1 ano 2 anos | 1949, substitui L. Febyre na E.P.H.E. - diretor de estudos da VI section |
| Martial Guérault | 1900-(Tunis) | | | | | | 1 ano | |
| Pierre Gourou | 1913-Lille | "Petit-lycée" | não | 1936 (História e Geografia) | 35 anos | Historiador dos Anais; 1947-responsável pelos projetos institucionais da Rockefeller na França; Prof. do Instituto de Estudos Políticos (1944) | 2 anos | 1967, diretor de estudos na E.P.H.E.; co-diretor dos Anais; prof. na Ecole Polytechnique; fundador dos "Cahiers d'Histoire Mondiale" |
| Iean Glénisson | 1921 (Jonzac-Charéne-Maritime) | "Petit-lycée" | não | | 36 anos | Subdiretor de estudos da E.P.H.E. | 1 ano | Diretor de estudos da E.P.H.E. (VI section) |

superior, como J. Mangué, L. Strauss, P. Monbeig e R. Bastide, outros com uma experiência curta no ensino superior (J. Gagé, suplente na Faculdade de Letras de Strasbourg e P. A. Bastide, suplente na Faculdade de Letras de Besançon), F. Braudel que havia estado em *grands lycées* em Paris e, finalmente, os doutores e professores universitários, por exemplo François Perroux (doutor em direito e prof. na Faculdade de Lyon), P. Deffontaines (prof. nas Faculdades Católicas de Lille), Pierre Frommont (prof. na Faculdade de Direito de Rennes), Émile G. Léonard (prof. na Faculdade de Letras de Caen e Aix-en-Provence) e Jean Glenisson (subdiretor de estudos na E.P.H.E.).

A imagem inicial no grupo retorna: tratam-se de jovens em início de carreira, ao que tudo indica, principalmente os professores que chegam antes da guerra. Ainda que entre eles se encontrem doutores, com livros publicados e cadeiras em faculdades, não possuíam maior projeção no meio intelectual: davam aulas em liceus ou em faculdades fora de Paris, publicavam nas regiões em que lecionavam etc.⁷

Georges Gurvitch é uma exceção dentro do grupo. Russo de nascimento, inicia sua vida acadêmica na Universidade de Leningrado e, posteriormente, na de Praga. Obtém a nacionalidade francesa em 1929 e inicia a carreira na França com relativo êxito. Em 35, substitui M. Halbwachs na Universidade de Strasbourg; em 46, após período nos EUA, funda o *Centre d'Études Sociologiques*, com o apoio do CNRS e os *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Seuil e PUF. Neste período, vem para o Brasil. Mas é somente ao regressar à França, em 49, que ingressa na Sorbonne e na E.P.H.E.

F. Perroux, por sua vez, é doutor e professor numa grande faculdade quando chega ao Brasil;⁸ porém é somente a partir de 40 que começa a obter renome. Em 44, funda o "Instituto de Ciência Econômica Aplicada", em 55 é professor no *Collège de France* e desde 60 dirige o "Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico e Social".

7. P. A. Bastide afirma ser esta uma diferença entre os professores do Rio e de São Paulo: "Mas a inspiração do Rio foi bem diferente, lá eram chamados professores já consagrados, já medalhões" (Arbousse-Bastide, 1978b). Seria necessário, em um momento posterior, avaliar as diferenças entre o grupo que vem antes da guerra (1945) e o que vem depois.

8. Segundo informações de Karady (1973), até 1910 as grandes faculdades são as de Paris, Lyon, Bordeaux e Toulouse. Em menor escala, seguem-se as de Lille e Nancy.

Charles Morazé também iniciava uma carreira promissora antes da vinda para o Brasil em 1949. Em 1947, o jovem historiador dos *Annales* é o responsável pela realização dos projetos institucionais da Fundação Rockefeller na França (Mazon, 1985). De qualquer modo, é nos anos 60 que tal carreira atingirá sua maturidade, quando Morazé passa a ser diretor de estudos na EPHE, co-diretor dos *Annales* e publica suas obras mais importantes: *Les bourgeois congruents*, *La logique de l'histoire*.

O período no Brasil teve, de modo geral, algum tipo de repercussão na carreira destes jovens professores franceses. Mesmo os que aqui estiveram por pouco tempo (P. Deffontaines, Émile Léonard, Francis Ruellan e Charles Morazé) se tornaram, de certa forma, especialistas em assuntos brasileiros. Evidentemente, os nomes de F. P. Braudel, Lévi-Strauss, F. Perroux e G. Gurvitch extrapolam a designação "especialistas", já que se transformaram em intelectuais de renome internacional, em função de obras de peso extraordinário. Caso curioso é o de Jean Gagé, que permanece um bom tempo no Brasil mas não escreve sobre o país. O Brasil, ao que parece, não alterou sua especialidade em história da civilização romana.

P. Hugon é outro caso à parte, pois não retomou a atividade na França. Radicou-se no Brasil, publicou a maior parte de seus trabalhos por editoras brasileiras e aqui se aposentou. Suas saídas foram temporárias, quando esteve em Portugal, no Canadá e em outros países, realizando conferências e dando cursos sobre economia brasileira.

2. As ciências sociais francesas no período entre-guerras: a geração de 1930

Para conseguirmos desenhar com maior clareza o perfil dos personagens que vêm para São Paulo, a partir de 34, mostrou-se imprescindível o conhecimento do contexto de sua formação intelectual. Procuramos, então, esboçar um quadro que, embora genérico, nos fornecesse elementos significativos para a compreensão das Ciências Sociais francesas no período entre-guerras.

Seguindo as sugestões de Heilbron (1985), vemos que o período entre-guerras é marcado por duas tendências opostas. De um lado, os "durkheimianos", que desde o começo do século aumentam seu prestígio intelectual e institucional. De outro, uma nova geração que pretende romper com o "durkheimismo", redefinir a Sociologia.

De 1910 até os anos 50, a Sociologia possuía, além de Mauss no *Collège de France*, quatro cadeiras no ensino superior francês:

a de *Bordeaux*, que, após Durkheim, é ocupada por Gaston Richard (até 30), Bonnafous (30-40) e Jean Stoetzel (45-55), a de *Strasbourg*, criada por M. Halbwachs (1919-1935) e ocupada sucessivamente por Gurvitch (35-40 e 44-48) e Georges Duveau (48-58) e as duas da *Sorbonne*. A primeira tem Fauconnet (21-38), Halbwachs (39-40) e Albert Bayet (40, 44-48). A segunda é ocupada por Célestin Bouglé (1908-15, 19-35, 37-59), Halbwachs (35-37, 40-44), Albert Bayet (39-40) e Georges Davy (44-45).

Se a universidade é o caminho preferido pelos "durkheimianos", campo por excelência das batalhas travadas pela legitimação da ciência social, não podemos esquecer que, paralelamente à penetração no ensino superior, a Sociologia de Durkheim faz escola via *L'Année Sociologique*, que, mais que uma revista, preencheu as funções de um centro de pesquisa e estudos (Karady, 1979 e Besnard, 1979).

O prestígio e importância do "durkheimismo" são facilmente aferidos pelo crescimento de seu espaço de atuação (além de *L'Année*, o grupo dominava os *Annales Sociologiques* e o *Institut Français de Sociologie*) e pelo recrutamento de intelectuais de áreas bastante distintas. Do *Institut*, por exemplo, faziam parte psicólogos como C. Blondel e Georges Dumas, historiadores (M. Bloch, A. Peganiol), etnólogos (M. Leenhardt, R. Maunier, P. Rivet) e também juristas, economistas etc. (Heilbron, 1985, pp. 207-208).

Os opositores de Durkheim, neste momento, não constituem uma ameaça real. Os mais "poderosos" se reúnem em torno da *Revue Internationale de Sociologie* (1893-1939), dirigida por René Worms e da qual participavam Tarde e Espinas. Entre os poucos jovens colaboradores, destacam-se Gaston Bouthoul e Roger Bastide.

Falar em "durkheimianos" não significa haver, de fato, um grupo homogeneamente constituído. Ao contrário, como mostram os estudiosos do tema já citados, este era composto de subgrupos que se distinguiam, seja pelo local de trabalho (EPHE ou Sorbonne), seja pela vocação profissional: professor ou pesquisador. A própria equipe de *L'Année Sociologique* era nitidamente heterogênea, inclusive do ponto de vista intelectual, onde coexistiam leituras antagônicas da obra de Durkheim. As tendências políticas eram mais um divisor de águas: enquanto "pesquisadores" como Mauss, Simiand, Halbwachs, entre outros, eram socialistas, os "professores universitários" (Bouglé, Lapie, Parodi, Bayet etc.) estavam ligados ao partido radical, com exceção de Fauconnet, que mantinha ligações com os socialistas (Heilbron, 1985, p. 214).

A Sociologia, do modo como foi concebida por Durkheim, não deve ser entendida como mais uma disciplina, e sim como o *corpus* do conjunto das Ciências Sociais, a ciência social por excelência que englobaria, de uma certa forma, todas as outras. Isto é, a Sociologia francesa na acepção durkheimiana não é uma disciplina isolada mas acima de tudo um método, com a ajuda do qual os fenômenos adquirem inteligibilidade. Logo, não é preciso ser sociólogo para fazer sociologia. Isto talvez explique o seu diálogo com as demais disciplinas, o recrutamento de profissionais de áreas variadas (Lévi-Strauss, 1947, p. 515).

A Sociologia de Durkheim possuía fortes laços com a Etnologia (inclusive de parentesco), através de Marcel Mauss. De fato, antropologia e sociologia estão mescladas na própria obra de Durkheim. Além de seu trabalho mais antropológico, *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse* (1912), a contribuição individual de Durkheim à Etnologia é significativa em suas colaborações para a revista *Année Sociologique* — onde têm destaque os temas relativos aos povos primitivos e à literatura etnográfica — e em seus textos *La prohibition de l'inceste* e *L'essai sur quelques formes primitives de classification*. O próprio Mauss, embora mais “antropólogo” que Durkheim, pois mais sensível ao empírico, à “pessoa”, e avesso às grandes sínteses generalizadoras, também tem dificuldades em separar os dois termos, diz ele, “o lugar da sociologia é dentro da antropologia social” (Lévi-Strauss, 1976, p. 13).

Ainda que as distâncias existentes entre Mauss e Durkheim sejam inegáveis, Mauss coloca-se explicitamente como um herdeiro direto da tradição durkheimiana, sendo, inclusive, o braço direito do tio na revista *Année Sociologique*, da qual se tornará diretor após a morte de Durkheim em 1917. Assim, embora em permanente diálogo, as disciplinas possuem descontinuidades, ocupam espaços diferenciados. A Sociologia e os discípulos de Durkheim estão na universidade, enquanto Mauss e seus (poucos) alunos localizam-se, em 1925, no *Institut D'Ethnologie* (fundado com Lévy-Bruhl e Rivet); a partir de 1931, no *Collège de France* e, principalmente, na *École Pratique des Hautes Études*.

“Seus alunos não seguiam os cursos dos sociólogos na Sorbonne e não freqüentavam o ‘Centre de Documentation Sociale’; a etnologia era um universo à parte, ao menos na experiência de muitos jovens (...). Raramente ‘normaliens’ ou ‘agregés’, eles eram sobretudo ‘outsiders’ no mundo universi-

tário; a etnologia maussiana não era, aos seus olhos, uma continuação da sociologia de Durkheim, mas algo de ‘novo’, ligada ao exotismo, ao mundo da arte, ou simplesmente aos estudos de arqueologia, de história das religiões ou de línguas orientais” (Heilbon, 1985, p. 230).

A Etnologia constituía, então, um universo à parte, formado pelos alunos de Mauss na EPHE, em íntima correlação com o *Musée Trocadéro*, dos anos 20 (futuro *Musée de l'Homme*, anos 30), lugar onde se desenvolviam as pesquisas etnológicas. A ligação com o mundo da arte, mencionada acima, não é fortuita; há um “namoro firme” entre os artistas, principalmente os ligados ao movimento surrealista, e os etnólogos. Por isso não soa estranho ao período que Michel Leiris, poeta e escritor, passe a freqüentar os cursos de Mauss e torne-se um etnólogo, e que na revista literária *Documents*, editada por Georges Bataille e onde escrevem R. Desnos, Artaud, entre outros, encontremos colaborações de etnólogos como Marcel Griaule, Rivière e Rivet (Clifford, 1981). Se a Antropologia transita num amplo universo cultural, a Sociologia não fica atrás; mobiliza distintos ramos do conhecimento e atinge também certa vanguarda artística (vide *Collège de Sociologie*).

O lugar secundário ocupado pelo trabalho empírico é uma marca inegável da Sociologia francesa. Durkheim é um sociólogo de gabinete, assim como Lévy-Bruhl e Mauss. À tradição filosófica da disciplina une-se a falta de recursos para as pesquisas no país, até os anos 30. A Etnologia, empírica por definição, não conhece senão curtos períodos de trabalho de campo, com poucos recursos oferecidos pelas colônias. É justamente a partir desta data, com a entrada da Fundação Rockefeller no país, que o quadro se altera.⁹ Em 31, realiza-se a grande expedição francesa à África: a missão Dakar-Djibouti, da qual participam Griaule, Schaeffner, Leiris. Esta missão, dirigida por M. Griaule, torna-se famosa por sua influência decisiva no desenvolvimento do “africanismo”.

9. Cf. Mazon, 1985. Curiosamente, a tradição filosófica que, em uma vertente prescinde do trabalho de campo, de uma outra perspectiva inspira-se na etnografia para a reflexão através de um Rousseau e de um Montaigne, por exemplo. Isto é, por mais paradoxal que pareça, no contexto francês também os filósofos inspiraram o gosto pela pesquisa etnográfica: “na França, não foi a etnografia que estimulou a teoria de cultura e, através dela, outras ciências. Ao contrário, o impulso para investigações de campo emanou da filosofia”. Ver Lowie, 1981, p. 241.

O africano é, de fato, o "outro" desvendado pela Etnologia e incorporado pelos surrealistas em sua crítica cultural. Os elementos do mundo "negro" impregnam a vida parisiense: música, imprensa em geral, exposições realizadas com peças trazidas pelos membros da "missão" e, até mesmo, os estúdios dos artistas são decorados com objetos africanos, fonte de inspiração para inúmeras obras produzidas (Clifford, 1981).

Se até os anos 30 as cadeiras de ciências sociais estão nas mãos dos "durkheimianos" e a Etnologia se desenvolve em uma outra esfera, a partir de então a nova geração que se forma, principalmente nos cursos de filosofia e letras, vai desenvolver uma nova estratégia de atuação no meio intelectual. Conhecido como a "geração da recusa", este grupo se colocará explicitamente contra o *establishment* universitário, procurando outros meios de expressão. Os exemplos se sucedem: Georges Friedmann, antigo aluno da *École Normale* e *agregé* de filosofia, lança-se na vida literária com três romances, antes de começar sua carreira sociológica; Georges Duveau, um dos fundadores da revista *Esprit*, dirige uma pequena revista literária, *L'oeuf dur*; o *Collège de Sociologie* (1937-1939), fundado por Bataille, Caillois, Leiris e Monnerot, desenvolve uma crítica radical à Sociologia universitária, numa tentativa de redefinir os limites da ciência (Heilbron, 1985, p. 227).

Na verdade, trata-se de um movimento maior da época. Os anos 30 são descritos, com unanimidade pelos comentadores, como um período de rupturas. São os *années tournantes*, como revela o título do livro de Daniel Raps publicado em 1932. "Estamos numa época de transição, de destruição e de criação", clama H. Lefèbvre, sintetizando o "espírito dos anos 30", na expressão de J. Touchard (Winock, 1975, pp. 13-24).

A guerra de 1914-1918 é, sem dúvida, um primeiro corte entre duas gerações que se encontram, a partir desta data, brutalmente apartadas.¹⁰ Na cena econômica, aos anos de aparente prosperidade, segue-se a crise de 29. Na esfera política, a solução comunista não aparece mais como saída satisfatória para o capitalismo.

Para os jovens intelectuais da época (*des jeunes gens en colère*), tratava-se da falência do mundo capitalista e do pensamento burguês, como revela o livro de Emmanuel Berl de 29, *Mort et la pensée bour-*

10. "Existe um abismo, duas épocas separadas por um só dia, uma hora, entre o mais jovem recrutado da classe 18, última classe combatente, e o mais antigo da classe 19, que dá origem às gerações mais jovens e à grande esperança 'brissée' do pós-guerra". Prévost *apud* Winock. 1975, p. 15.

geoise. Os "não-conformistas" dos anos 30 são, acima de tudo, "anti", "contra"; procuram novas vias entre esquerda e direita, reagem à ordem intelectual estabelecida (Ory e Sirinelli, 1986).

A série de revistas lançadas na época revelam os esforços em criar novos espaços de intervenção: *Réaction* (1930), *Révue Marxiste* (1929), *Plans* (1931), *La Critique Social* (1931), *Esprit* (1935), *Combat* (1935). Henri Lefèbvre, filósofo, um dos fundadores da revista *Philosophies* e, posteriormente, da *Révue Marxiste*, define o clima do período:

"Nós, os jovens filósofos do pós-guerra, rechaçamos as idéias dominantes, tanto do positivismo como o intelectualismo da Sorbonne e de outro lado o bergsonismo do 'Collège de France'. Nosso grupo buscava sua própria via, esse era o nosso postulado: buscar uma via diferente" (Lefèbvre, 1976).

As viagens aparecem, nesse contexto, como uma saída possível, freqüentemente utilizada. O ofício do aventureiro, do viajante, é vivido principalmente por pintores (vide Gauguin) e escritores (Rimbaud, Saint-Exupéry, T. H. Lawrence etc.). É como se a sensibilidade moderna retomasse, de certa forma, a atração romântica pelo distante, pelo exótico. A ciência, por sua vez, ganha novas adesões, permite outras viagens (Malraux, por exemplo, torna-se arqueólogo e vai para a Ásia). Na França, as viagens são inúmeras. Os anos 20, particularmente, são marcados por distintos tipos de exílio. Paul Nizan é mais um exemplo clássico desta opção. Crítico ferrenho do ensino da filosofia e dos professores universitários, a quem denomina *les chiens de garde*, Nizan segue para a Arábia (*Adén, Arábia*). Raymond Aron, seu colega de ENS, vai para a Alemanha continuar os estudos. Lévi-Strauss, J. Maugé e P. A. Bastide, jovens *agregés* de filosofia, vêm para o Brasil.¹¹

3. Brasil: uma nova via?

O quadro esboçado pode nos ajudar a entender o contexto da partida dos professores franceses que vêm para São Paulo. Em primeiro lugar, vemos que o contato do "Grupo do Estado" com a França se dá através dos "durkheimianos", principalmente, de Georges Dumas. Fauconnet e Rivet, também ilustres representantes do "dur-

11. Sobre o "sentimento de orfandade intelectual", que marca a época moderna e dá origem a viagens compulsivas, ver Sontag, 1984, pp. 85-98.

kheimismo”, são outros dois nomes que mantêm contato estreito com o Brasil e brasileiros (este último, inclusive, amigo pessoal de Paulo Duarte).

Se é Dumas quem fez a escolha dos professores, a pedido de Júlio de Mesquita Filho, poderíamos supor que o interesse de ambos fosse na contratação de nomes ligados à tradição durkheimiana. Difícil aferir se havia uma maioria de “durkheimianos” na missão. Poderíamos supor, entretanto, que dentre os jovens recrutados, alguns partilhavam do clima intelectual vivido pela geração de 30; por exemplo, Étienne Borne, colaborador assíduo da revista *Esprit* e Lévi-Strauss. Este declara ter havido um mal-entendido entre os mentores da USP, que contrataram um sociólogo discípulo de Durkheim, e ele, que tornou-se antropólogo “contra a filosofia e contra Durkheim”:

“Antes de mais nada no Brasil, onde os patrões de Universidade esperavam de mim que contribuísse para uma sociologia durkheimiana para a qual tinham sido orientados pela tradição positivista, tão viva na América do Sul, e pela preocupação de dar uma base filosófica ao liberalismo moderador, que é a arma ideológica habitual das oligarquias contra o poder pessoal. Eu chegava em estado de insurreição aberta contra Durkheim e contra todas as tentativas de utilizar a Sociologia para fins metafísicos” (Lévi-Strauss, 1957, p. 57).

Em outra passagem de *Tristes Tropiques*, reafirmando haver partilhado do clima crítico da época, explica a opção pelo Brasil:

“Desde meus estudos superiores, eu entrei em rebelião contra a filosofia. Surgiu a oportunidade de um posto em São Paulo, e eu o aceitei imediatamente e parti. Devo também reconhecer que eu não fui insensível aos exemplos de Nizan e de Soustelle, que partiram, um para a Arábia, e o outro para o México” (Lévi-Strauss, 1955, p. 20).

Um outro nome, embora um pouco anterior à geração de Lévi-Strauss, se destaca como crítico à Sociologia de Durkheim, tendo se aliado precocemente aos membros da *Revue Internationale de Sociologie*. Trata-se de Roger Bastide. Tudo leva a crer que o seu homônimo, Paul Arbousse, ocupe posição contrária: primo de Georges Dumas, parece ter sido um homem de sua inteira confiança. Segundo J. Maugué, Dumas pensou, inclusive, em torná-lo chefe da missão (Maugué, 1982, p. 85).

O Brasil pode ter surgido, então, nesse contexto, como uma nova via para os que se iniciavam profissionalmente. Mais um “exílio”, porém com a promessa de um sucesso futuro. Por que não? Na França, não havia verba para pesquisa em ciências sociais, como já vimos, e as perspectivas de ingresso no ensino superior tampouco eram animadoras. A instabilidade político-econômica era mais um agravante. O Brasil poderia representar, desta perspectiva, o início de uma carreira universitária, um caminho outro:

“Desejava abandonar a França porque atravessávamos violências e incertezas: a ascensão do fascismo, mortes em passeatas, e uma atmosfera política carregada. Queria prosseguir minha carreira, iniciada em 1928, num país que estivesse vivendo um processo mais dinâmico em sua maior virgindade histórica (...) O Brasil era para mim, então, a terra ‘dos possíveis’, em relação ao mundo fechado que a França representava” (Arbousse-Bastide, 1978b).

Outros dados nos sugerem que o Brasil significava também um campo desconhecido e inexplorado pelos pesquisadores, uma possibilidade de especialização temática. No período, uma série de novas fontes estão em expansão: “o indianismo” através de Bouglé, a “sinologia” via Granet e o “africanismo” pelas mãos de Griaule. O “americanismo” era mais um terreno em busca de estudiosos e os jovens mestres franceses, inspirados nas excursões pioneiras de Rivet, sabiam disso.¹²

Finalmente, não seria exagerado dizer que o conhecimento do Brasil permitia a construção de novos paradigmas. Os historiadores

12. “Mas, a maior parte dos meus colegas soube extrair do Brasil riquezas ainda mais decisivas. A etnografia francesa, excetuando o Museu do Homem, com Rivet e Soustelle, não conheciam os índios senão de ouvido. Ela jamais havia ido ‘a campo’ para observá-los, muito menos para viver um tempo com eles. Lévi-Strauss atribuiu a si a missão de encontrá-los e levá-los à França (...) Quando Roger Bastide obteve a cadeira de sociologia, ele encontrava seu futuro em uma nova voga, não mais a dos índios, mas a dos negros. E pelo mesmo cálculo que Lévi-Strauss, ele tornou-se o revelador diante dos franceses, da negritude quer dizer, da sobrevivência no novo mundo de velhas práticas africanas (...) Quanto ao geógrafo Pierre Monbeig, casado com a filha do matemático Janet, membro do Instituto e ao qual Lévi-Strauss se ligou muito mais que a mim, pôde igualmente trazer do Brasil seu estudo sobre as zonas pioneiras”.

exemplificam claramente esta possibilidade. O interesse do grupo dos *Annales* pela América Latina é fato indiscutível desde a criação da revista. O artigo de Lucien Febvre, já no tomo I de 1929, "Un champs privilégié d'études: l'Amérique du Sud", inaugura uma linha "americanista" dentro da Escola. A América, para ele, representava um campo rico em experiências, uma lição de método (Martinière, 1982, p. 153). Tal interesse é ampliado por uma viagem de Febvre como conferencista a Buenos Aires e ao Brasil, em 1937, momento em que conhece Fernando P. Braudel. Aliás, é Braudel quem, posteriormente, reafirmará a tese de Febvre sobre a importância do conhecimento da América para as formulações sobre a própria história européia; diz ele ter sido a experiência brasileira fundamental para a elaboração de suas teses sobre o Mediterrâneo.

A missão universitária dos anos 30 permite ao grupo dos *Annales* um acesso direto à Universidade de São Paulo e às investigações em território brasileiro: "A Escola dos *Annales* foi diretamente beneficiada pela primeira missão de universitários franceses enviados a São Paulo desde a criação da Universidade" (Martinière, 1982, p. 159).

III. OS NORTE-AMERICANOS

Se para o exame da presença francesa nas Ciências Sociais brasileiras, de 30 a 60, a USP representou o foco privilegiado de análise, inicialmente parecia ser a "Escola Livre de Sociologia e Política" o ponto estratégico para a avaliação da presença norte-americana. Tal idéia, porém, se desfez inteiramente ao iniciarmos a investigação. E isso porque, ao contrário das ciências humanas na USP, onde de fato coube a um grupo de franceses iniciar as atividades docentes, na ELSP não houve uma "missão" norte-americana organizada, ainda que houvesse uma inspiração original no caráter prático e aplicado das ciências sociais dos EUA. Pela ELSP passaram professores de nacionalidades variadas — alemães, tchecos, ingleses, italianos etc. — e se um certo modelo americano se impôs, isto se deve menos ao número de norte-americanos ali presentes do que à marca que Donald Pierson iria imprimir ao projeto da Escola.

Se, para o caso francês, a USP e a docência mostraram-se "ganchos" eficazes para análise, no caso americano a estratégia revelou-se outra. Aí, é a pesquisa o fio condutor capaz de auxiliar a traçar um quadro explicativo mais amplo. Mesmo Pierson, aparentemente uma exceção já que aqui permaneceu 18 anos como professor, possuía